



SAMBA, MEMÓRIA E REALIDADE AFRO-PAULISTA NA CAMPINAS CONTEMPORÂNEA

Augusto Machado Ramos – Escola Estadual Hildebrando Siqueira
Profa. Dra. Olga R. M. von Simson – Orientadora
Carlos Roberto Pereira de Souza – Monitor



CENTRO DE MEMÓRIA - UNICAMP



Palavras-Chave: História Oral – Samba – Campinas - Resistência

INTRODUÇÃO

O samba do interior paulista se desenvolveu a partir de duas vertentes diversas que confluíram para a nossa região durante o século XIX. Uma vinda diretamente da África, trazida pelos primeiros escravos que aqui chegaram e que se manifestava através das danças realizadas em homenagem à deusa da fertilidade, uma manifestação típica da região de Angola. Elas eram realizadas pelos escravos bantus, que dançavam a semba nos terreiros das fazendas de café, em dias de festa e quando autorizados por seus senhores.

Após 1850, quando se intensificava a ampliação da cultura cafeeira na região de Campinas, exigindo um número muito maior de braços escravos e já não era mais permitido importar escravos diretamente d'África, os fazendeiros da nossa região desenvolveram uma estratégia para conseguir novos trabalhadores negros. Passaram a importá-los do Nordeste, onde as plantações de algodão estavam em decadência e liberando mão de obra escrava. Organizaram então um sistema de transporte de cabotagem, a partir dos portos nordestinos, em pequenos navios que chegavam até Santos e de lá eles vinham a pé (sendo que mulheres e crianças pequenas eram trazidas nos jacás da tropas de mula) e assim se dirigiam até as propriedades que a cada ano necessitavam de mais braços para aumentar sua produção cafeeira, então a cultura agrícola mais lucrativa.

Ora, tais trabalhadores além de trazer seus pertences nessa migração forçada, traziam também seu patrimônio imaterial, desenvolvido durante a infância e a adolescência, vivenciadas em terras nordestinas, pois a grande maioria deles já era nascida em território brasileiro. Assim à influência vinda diretamente da África, o semba, juntou-se uma outra, temperada pelo sabor nordestino, o samba de roda. Mas em ambas estava presente a umbigada como forma de chamar um companheiro para o meio da roda de samba, através do encontro dos ventres de ambos os dançadores.

Mas, em nossa região, tanto os membros da Igreja Católica, como os fazendeiros eram muito conservadores e enxergavam nesse passo da umbigada licenciosidade e uma demonstração de excessivo apelo sexual, passando a proibi-lo nas danças dos negros, realizadas nas suas propriedades ou nos largos e praças situados à frente das igrejas da cidade.

A escravaria, entretanto, foi mais esperta do que seus senhores e decidiu que a homenagem deveria continuar, modificando a dança e fazendo com que as sambadeiras dessem a famosa umbigada agora no bumbo, que ditava o ritmo da dança e era posicionado à frente do corpo do tocador. Além de encostar seu ventre no instrumento de percussão, as dançarinas jogavam suas longas saias rodadas por sobre o bumbo, reverenciando-o ainda mais. Ora, se imaginarmos que o bumbo poderia representar o falo, a deusa da fertilidade estava recebendo uma homenagem mais que completa, embora nem o padre, nem o senhor pudessem compreender o significado da dança.

Foi assim que surgiu o samba típico da nossa cidade que passou a ser denominado Samba de Bumbo Campineiro e que era diverso daquele mais antigo, praticado na região de Piracicaba, Tietê e Capivari, chamado de Samba de Roda e que tendo sido estudado por Mário de Andrade, recebeu dele a denominação de Samba Rural Paulista.

Todos os grupo de samba do nosso estado se reuniam, anualmente, na Festa de São Bom Jesus de Pirapora, realizada na primeira semana de agosto. De Campinas geralmente iam três agrupamentos. Um que saía de Vinhedo (então um bairro campineiro) e que era denominado Samba da Dona Aurora, pois era liderado por uma importante figura feminina que organizava a dança naquela região. Atualmente uma sobrinha de Dona Aurora foi capaz de reunir parentes e amigos e com a ajuda do bumbo azul (recuperado por Alceu Estevam, outra liderança chave do samba campineiro), fez ressurgir o samba da Tia Aurora, que agora integra a triade de grupos que representam a nossa região na Festa de Pirapora.

O segundo grupo, desde os anos 20 do século passado saía de Aparecidinha, um bairro rural situado às margens da estrada de rodagem que, partindo de nossa cidade buscava a região da Mogiana. Este grupo era liderado por um negro chamado Zé Mundão, que reunia as sambadeiras de Aparecidinha e as conduzia para se apresentarem nos barracões da Festa de Pirapora. Em meados da década de 30 do século passado, entretanto, Zé Mundão foi atropelado e morreu no centro de Campinas, e sem sua liderança principal, o grupo deixou de se apresentar ao Senhor Bom Jesus.

O terceiro e mais duradouro desses grupos reunia os afro-descendentes que viviam no centro da cidade e era liderado por um chofer negro, que servia às ricas famílias campineiras e tinha o sobrenome Estevam. Ele, tendo uma maior possibilidade de locomoção, estabelecia uma forte ligação entre os três grupos de samba e cuidava para que, pelo menos um deles, estivesse presente na Festa de Pirapora, a fim de que nossa cidade não ficasse sem representação no grande evento anual de reafirmação da tradição do samba paulista.

Seu neto, conhecendo a história do avô, através de relatos de sua mãe e incentivado por Raquel Trindade, que ministrou um curso de Folclore na UNICAMP nos anos 80, recriou o grupo do antepassado, agora denominado Urucungos, Puítas e Quijengues, lembrando assim os três tambores cujo som é fundamental para que o samba rural aconteça.

Portanto, nos dias de hoje afro-descendentes, estudiosos ou simples amantes do samba paulista, podem participar e fruir dessa tradição que tão bem traduz a identidade da nossa região campineira, uma região formada pela cultura do café e tocada pela força e resistência de uma grande quantidade de trabalhadores negros os quais, além de produzir imensa riqueza material, também nos legaram uma forte e significativa riqueza cultural.

MÉTODOS

Para obter resultados em nossa pesquisa recorreremos a Metodologia de História Oral, que é o registro da história de vida de indivíduos que, ao focalizar suas memórias pessoais, constroem também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória do grupo social ao qual pertencem. Registrando as experiências vividas pelos informantes em fitas magnéticas de áudio ou vídeo, ela é um instrumento fundamental para compreensão do passado recente.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante o Programa PICJr/2010, através de leituras, e orientações dos técnicos especializados do Laboratório de História Oral (LAHO) do Centro de Memória da UNICAMP, me ajudaram compreender a importância da cultura popular no cotidiano do povo brasileiro. Neste universo passei a compreender o samba e suas variáveis, exemplo o Samba de Bumbo Campineiro, uma manifestação típica de nossa cidade (Campinas).

CONCLUSÕES

Foi uma experiência diferente em minha vida, pois me permitiu mudar o meu cotidiano, e conhecer aspectos das atividades da Academia, como um centro de pesquisa da Instituição, da qual um dia pretendo fazer parte.



- 1- Nas apresentações velhos batuqueiros dividem espaço com as crianças. Fonte: Arquivo Vanderlei Bastos
- 2- Mestre Plínio- Piracicaba Falecido em 2007;Fonte: Claudete de Souza
- 3- Apresentação no SESC SP. 2007 ;Fonte: Arquivo Vanderlei Bastos
- 4- Integrantes do Grupo de Teatro e Danças Populares Urucungos dançando O Samba de Bumbo Campineiro, com os Alunos do Programa Ciências e Artes nas Férias - 2008;
- 5- Instrumento de Percussão.
- 6- Casal coreografando o Samba de Umbigada.

